ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA: ENTRE A CULTURA CORPORAL E A FORMAÇÃO HUMANA

Maria Luiza Santos de Oliveira [1]
Estefanny Camilly Mariano de Araújo [2]
Auxiliadora Maria Martins [3]

INTRODUÇÃO

A história da Educação Física no Brasil está diretamente relacionada a projetos de uma sociedade higienista, militarista e esportivista. Nesse processo, os métodos europeus de ginástica, especialmente os sistemas alemão, sueco e francês, tiveram um papel de grande influência, estando vinculados a concepções de corpo e educação que marcaram a entrada da Educação Física nas instituições escolares. A influência desses métodos reforçou um entendimento de corpo e movimento que valoriza somente técnica, competição e desempenho. Essas marcas históricas não são neutras e expressam disputas em torno dos corpos, dos conhecimentos e das finalidades atribuídas à Educação Física (CASTELLANI FILHO, 1994; BRACHT, 1999).

Em contraposição a perspectivas que restringem à dimensão física e à reprodução de movimentos, surge a concepção crítico-superadora, sistematizada pelo Coletivo de Autores (1992), compreendendo a cultura corporal como objeto de conhecimento da Educação Física. Nessa abordagem, jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas são manifestações culturais historicamente e socialmente produzidas, cujos sentido e significado não se limitam à execução técnica. Essa compreensão permite questionar quais práticas são legitimadas no currículo escolar e quais saberes e experiências permanecem marginalizadas, considerando que as escolhas pedagógicas não são neutras e apresentam concepções de sociedade formação humana. Nesse debate, Neira e Nunes (2011) discutem as relações entre cultura e currículo, enquanto Sá (2022) propõe reflexões sobre a descolonização da cultura corporal.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, maria.mlso@ufpe.br;
[2] Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, estefanny.araujo@ufpe.br;
[3] Professora doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, auxiliadora.martins@ufpe.br

ISSN: 2358-8829

Pensar a Educação Física escolar como prática de resistência envolve problematizar modelos historicamente estabelecidos e ampliar as possibilidades de vivência e compreensão das práticas corporais. Essa perspectiva também exige articular a reflexão e ação, compreendendo a educação como prática não neutra, conforme Freire (1996), e reconhecendo a práxis como parte importante para superar a separação entre teoria e prática, conforme discutido por Castro (2021).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a Educação Física escolar como prática de resistência, tomando como referência a concepção crítico-superadora e a cultura corporal na formação crítica dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de produções sobre a constituição histórica da Educação Física, a cultura corporal e as relações entre educação, conhecimento e sociedade. As discussões evidenciam a necessidade de questionar a reprodução de práticas esportivas como eixo privilegiado das aulas e de reconhecer as manifestações corporais em sua diversidade histórica e cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, tendo como referência central a obra Metodologia do Ensino de Educação Física (1992), que fundamenta a concepção crítico-superadora e a compreensão da cultura corporal como objeto de conhecimento da Educação Física. Para ampliar a discussão, foram realizadas buscas nas bases SciELO, Motrivivência e Google Acadêmico, incluindo produções de Paulo Freire e outros estudos relacionados à práxis pedagógica. A seleção dos artigos priorizou publicações mais recentes que abordassem a formação humana e apresentassem relação com a perspectiva crítica da educação. As buscas foram orientadas pelas palavras-chave “cultura corporal”, “formação humana”, “práxis” e “Educação Física”. A análise das produções selecionadas buscou estabelecer conexões entre a constituição histórica da Educação Física escolar, a formação humana e as possibilidades de uma prática pedagógica comprometida com a formação crítica dos estudantes.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções bibliográficas permitiu organizar a discussão em três eixos: a constituição histórica da Educação Física escolar, a cultura corporal na perspectiva crítico-superadora e a relação entre práxis pedagógica e formação humana crítica. Esses eixos possibilitam compreender como determinadas concepções de corpo e movimento foram historicamente incorporadas à escola e de que maneira podem ser questionadas por práticas pedagógicas comprometidas com uma formação crítica.

No primeiro eixo, as contribuições de Castellani Filho (1994) e Bracht (1999) permitem compreender que a Educação Física brasileira foi atravessada por concepções higienistas, militaristas e esportivistas, relacionadas a diferentes projetos de sociedade e de formação dos sujeitos. Essas influências marcaram a organização das práticas corporais e a valorização de determinados comportamentos, conhecimentos e padrões de desempenho. A permanência de uma abordagem centrada na técnica, na competição e na execução de movimentos pode restringir as possibilidades educativas da disciplina, sobretudo quando outras manifestações da cultura corporal recebem pouca atenção. Desse modo, a reflexão histórica permite questionar seus desdobramentos nas práticas escolares e os conhecimentos que continuam sendo privilegiados.

No segundo eixo, a concepção crítico-superadora, sistematizada pelo Coletivo de Autores (1992), apresenta a cultura corporal como objeto de conhecimento da Educação Física. Nessa perspectiva, jogos, esporte, danças, lutas, ginásticas e capoeira são compreendidos como manifestações culturais produzidas historicamente, cujos significados se relacionam às condições sociais em que se desenvolvem. O ensino dessas práticas, portanto, não deve se restringir à aprendizagem de técnicas ou à reprodução de gestos, mas possibilitar sua contextualização e problematização. Em diálogo com Neira e Nunes (2011), essa discussão permite refletir sobre a seleção dos conhecimentos curriculares e sobre a necessidade de reconhecer a diversidade de experiências e manifestações culturais presentes na sociedade. As reflexões de Sá (2022) ampliam esse debate ao questionarem as hierarquizações culturais, contribuindo para pensar possibilidades de valorização de práticas e saberes que historicamente ocuparam posições secundárias no ensino.

O terceiro eixo diz respeito à práxis pedagógica e à formação humana crítica. Freire (1996) contribui para compreender a educação como uma prática que exige reflexão crítica e posicionamento diante da realidade, enquanto Castro (2021) destaca a importância da

ISSN: 2358-8829

práxis para superar a dissociação entre teoria e prática nas aulas de Educação Física. Essa articulação permite compreender que a vivência corporal e a reflexão sobre ela não precisam constituir momentos isolados do processo educativo. Ao relacionar as práticas corporais aos seus contextos históricos, sociais e culturais, o ensino pode favorecer a compreensão dos significados atribuídos ao movimento e das relações de poder que atravessam as experiências corporais. Assim, os estudantes podem assumir uma participação crítica no processo de aprendizagem, ultrapassando a condição de simples executores de atividades.

Em conjunto, os eixos analisados evidenciam a necessidade de problematizar perspectivas que reduzem a Educação Física ao desenvolvimento físico, ao desempenho motor ou à reprodução esportiva. A cultura corporal, orientada pela concepção crítico-superadora e articulada à práxis pedagógica, apresenta possibilidades para ampliar os conhecimentos abordados nas aulas e reconhecer as práticas corporais como produções humanas, históricas e sociais. Compreender a Educação Física como prática de resistência significa, portanto, questionar os modelos naturalizados, as desigualdades e as hierarquias presentes na seleção dos conhecimentos escolares. Nesse sentido, a formação crítica não se limita à aquisição de conteúdos, mas envolve a construção de condições para que os estudantes compreendam e problematizem a realidade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida evidencia que compreender a Educação Física escolar como prática de resistência exige reconhecer sua constituição histórica e questionar as concepções que, ao longo do tempo, privilegiaram a disciplina dos corpos, o rendimento físico e a reprodução esportiva. Em contraposição a essas perspectivas, a concepção crítico-superadora, fundamentada pelo Coletivo de Autores (1992), possibilita compreender a cultura corporal como conhecimento histórico e social, cuja abordagem pedagógica pode contribuir para a formação crítica dos estudantes.

Em diálogo com Freire (1996) e Castro (2021), destaca-se a importância da práxis pedagógica na articulação entre reflexão e ação, permitindo que as práticas corporais sejam vivenciadas e problematizadas em seus diferentes contextos e significados.

Como possibilidade de aplicação empírica, essas reflexões podem orientar investigações sobre o planejamento e o desenvolvimento das aulas de Educação Física,

ISSN: 2358-8829

considerando a diversidade das manifestações da cultura corporal, a participação dos estudantes e os conhecimentos privilegiados nas práticas pedagógicas. Também se destaca a necessidade de novas pesquisas que investiguem como a perspectiva crítico-superadora se materializa no cotidiano escolar e quais desafios são enfrentados pelos professores para desenvolver práticas comprometidas com a formação humana crítica. Conclui-se, portanto, que a Educação Física escolar pode constituir-se como espaço de resistência e transformação quando reconhece as práticas corporais como produções culturais e assume o compromisso de problematizar desigualdades e contribuir para a emancipação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** Ijuí: Unijuí, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CASTRO, Matheus Rufino. **Pela centralidade da práxis: a cultura corporal como forma de superação ontológica da dissociação entre teoria e prática nas aulas de Educação Física.** *Motrivivência*, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1–16, 2021. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e81440.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Contribuições dos estudos culturais para o currículo da Educação Física**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671–685, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000300010.

SÁ, André Luiz das Graças de. **Decolonizando a cultura corporal: algumas reflexões e proposições.** *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1–16, 2022. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83784.